

**Construções polissêmicas no português do Brasil:  
uma análise léxico-semântica em *Menino de Engenho*,  
de José Lins do Rego**

*Maria das Neves Alcântara de Pontes*  
Universidade Federal da Paraíba / Companhia Paraibana de Gás  
PBGÁS / CEFET/ BRASIL

**Abstract**

The actual communication treats of – A lexical and semantic approach of José Lins do Rego's *Menino de Engenho* (sugar cane mill boy) has a main purpose of specifying the regional and popular language of characters in the work, considering the Paraíba (Brazilian Northeast) society in the epoch of 1930.

**Palavras chaves:** engenho, léxico-semântico, cultura, sociedade.

A presente comunicação sob o título **Construções Polissêmicas no Português do Brasil: uma análise léxico-semântica em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego** é parte da nossa pesquisa desenvolvida na Linha de Pesquisa FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS: perspectiva geo-sócio-etnolingüística, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba e tem como finalidade maior evidenciar vocábulos regionais/populares, considerando o nível do léxico utilizado na cultura canavieira, especificamente na realidade sociocultural do Nordeste brasileiro. Pretendendo-se constatar como a língua reflete e retrata a realidade física, social e cultural de uma região.

A escolha da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, como **corpus** deste trabalho deveu-se à sua importância para o estudo lingüístico regional – matriz temática da pesquisa, uma vez que essa obra retrata, com muita clareza, a matriz temática da pesquisa, uma vez que essa obra retrata, com muita clareza, a vida sociocultural dos engenhos do Nordeste. A temática desta pesquisa não é nova. A ela se reportam análises históricas, sociológicas e antropológicas com a finalidade de resgatar a cultura, a linguagem regional/popular – objeto principal do presente estudo.

A perspectiva sob a qual fizemos a leitura da obra não foi, predominantemente, a literária, mas a sociocultural, com base na linguagem, envolvendo o inter-relacionamento língua-cultura-sociedade, valendo-nos das informações obtidas no texto como documentação digna de crédito para comprovação científica. Os aspectos

tos léxico-semânticos foram detectados de forma a se consubstanciar uma amostra bastante representativa do universo de *Menino de Engenho*.

Estabelecemos, enfim, uma análise léxico-semântica considerando a realidade sócio-linguístico-cultural, tornando possível uma visão linguística, específica do ambiente físico e humano do mundo dos engenhos.

A língua oferece ao falante, segundo as circunstâncias em que se encontra, a liberdade de utilizar as palavras com uma coloração semântica nova, isto é, dispõe, na sua estrutura, de significados diferentes que somente podem determinar-se pelo contexto e pela situação e, devem considerar-se como variantes léxicas de uma unidade significativa podendo ter um grande número de acepções. O vocábulo assume, desse modo, vários matizes de significação para cada situação, apresentando variedades semânticas segundo os costumes, as crenças e tradições do povo que fala a língua, portanto, para se entender uma língua é necessário se conhecer o povo que a fala.

Para esse estudo, analisar-se-ão exemplos que caracterizam esse fenômeno linguístico em *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

#### **CABECEIRA 1 = parte da mesa**

*“O meu avô ficava do lado direito e a minha Tia Maria na cabeceira”*. (p. 53, linha 33)

Nesta concepção, o termo “Cabeceira” constitui um dos lados menores de uma mesa de refeição retangular, geralmente ocupado pelo dono da casa. Representa o lugar de destaque cedido a pessoas especiais em ocasião de cerimônia.

Constituída, assim, de distinção adquire valor de frente de, parte superior, porção dianteira sob a perspectiva de um plano frontal.

Em *Menino de Engenho*, a sala de jantar era constituída por uma grande mesa retangular com os lados maiores muito extensos e não obedecia a essa tradição em que o dono da casa ocupava o lugar principal da mesa de refeição.

#### **CABECEIRA 2 = ponto onde nasce o rio**

*“Há oito dias que relampejava nas cabeceiras.”* (p. 67, linha 23)

Nesse sentido, o termo “cabeceira” constitui o conjunto de pequenos riachos que compõem a bacia de um rio. Por extensão, o local onde nasce o rio, nascente de rio. Geralmente, é usado no plural.

As cabeceiras a que o narrador se reporta são as nascentes do Rio Paraíba que revelavam a certeza do inverno no serão.

### COCO 1 = fruto (comida)

“Não comia frutas, não tocava em *coco*, assavam-me a cana para chupar, num resguardo rigoroso de mulher parida.” (p. 125, linha 10)

Nesse sentido, constitui o fruto do coqueiro, muito utilizado na alimentação brasileira, na fabricação de doces, cocadas, entre outros.

Segundo a crendice popular, este alimento deveria ser proibido para pessoas portadoras de qualquer tipo de doença. No caso de *Menino de Engenho*, a proibição ocorria pelo acesso de asma brônquica do personagem Carlos de Melo que, popularmente, denominavam “puxado”.

Segundo Antônio Geraldo da Cunha “coco” constitui, por extensão, a designação comum a várias espécies e aos seus frutos. De origem controversa. O fruto do coqueiro foi assim denominado pelos portugueses em razão de sua semelhança com as figuras de cabeça com que se assustavam as crianças.

### COCO 2 = dança

“Quando veio o 13 de maio, fizeram um *coco* no terreiro até alta noite.” (p. 136, linha 04)

“Coco”, nesse contexto, designa uma espécie de dança popular do Nordeste, cantado em coro o refrão que responde aos versos do tirador de coco, quadras, emboladas, sextilhas e décimas.

Constitui um canto-dança das praias e do sertão. De influência africana, apresenta uma disposição coreográfica que coincide com as preferências dos bailados indígenas, especialmente os tupis da costa. Apresenta também incontáveis modificações e variedades.

Segundo Luis da Câmara Cascudo, o coco era dançado nos salões da boa sociedade na Paraíba e Alagoas. Também chamado de *samba, pagode, zambê, bambolê*.

Na Paraíba e Rio Grande do Norte é comum a roda de homens e mulheres com o solista ao centro, cantando e fazendo passos figurados. Os instrumentos, na grande maioria, de percussão, cuícas, pandeiros e ganzás. Nos bailes mais pobres, apenas simples caixotes que servem de animada bateria.

Em *Menino de Engenho*, fora empregado como uma dança que sofreu influências africanas, para comemorar o treze de maio, data da abolição da escravatura.

### TROÇOS 1 = objetos

“(...) podia tocar fogo nos seus *troços* e botar o gado dentro do seu roçado.” (p. 105, linha 18)

Etimologicamente, o termo “troços” designaria pedaço de madeira. De origem incerta, aos poucos, foi adquirindo nova significação, chegando a atingir, no plano genérico, o significado de objeto, coisa, matéria.

No popular, é empregado como sinônimo de *cacarecos*, animal ou coisa sem préstimo, coisa sem valor.

Na obra em estudo, o termo aparece, neste contexto, com este sentido.

#### TROÇOS 2 = órgão genital

“(…) e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo.” (p. 136, linha 14)

Também, numa acepção popular, o termo “troços” tem o sentido de membro viril do órgão sexual masculino.

Como se observa, o mesmo termo aparece com significação diferente, conforme o contexto. É importante salientar-se que é freqüente na obra o emprego de termos chulos, especialmente ao referir-se aos assuntos sexuais.

Ocorre em tais expressões certa espontaneidade que reflete a palavra falada com o seu sentido picaresco, ditado pela situação e pelo ambiente em que vive o personagem em *Menino de Engenho*.

#### PEIA 1 = castigo

“*Quiseram mata-lo de peia.*” (p. 116, linha13)

Tem-se, neste caso, o termo “peia” como instrumento de açoite de qualquer natureza, popularmente designa simplesmente *surra*, castigo com açoite.

Revelava resquícios da escravatura em que havia o castigo, geralmente praticado por um feitor.

#### PEIA 2 = apeado

“– *Tira a peia da canela, moleque safado.*” (p.132, linha 01)

O termo “peia” designa, neste caso, peça entrançada, de corda ou de tiras de couro, destinada a prender animais pelos pés ou da cabeça a um dos pés dianteiros.

Por analogia, diz-se apeado aquele indivíduo vagaroso, lento preguiçoso. Nas atividades agrárias, não acompanhava os trabalhos com os demais homens do eito. Pelo processo de comparação se diz “Tire a peia da canela”, porque certamente comprometeria ou dificultaria a produção.

**PEIA 3 = órgão genital masculino**

*“Vou prá cadeia, crio bicho na peia, mas não vivo com a descarada daquela quenga.”* (p. 87, linha 26)

**CHUVISCO 1 = chuveiro**

*“Havia mesa para meninos e gente grande. E banho de chuvisco.”* (p. 139, linha 27)

Como sinônimo de *chuveiro* (do banheiro). O termo “chuvisco” é comumente usado na língua falada e significa “crivo por onde passa a água para os banhos”.

O narrador utiliza o termo para mostrar as diferenças sociais ocorridas no engenho por ocasião da visita dos primos da cidade.

Dizer que havia “banho de chuvisco”, revela um tom de surpresa diferente dos banhos do dia a dia do engenho. Para ele, aquela visita fazia com que o engenho se revestisse de uma alma nova, de um encanto diferente.

**CHUVISCO 2 = chuva fina**

*“Depois a convalescença, sem poder pisar no terreiro, sem ir ao alpendre por causa do mormaço, do sereno, dos chuviscos.”* (p. 139, linha 27)

Neste sentido, “chuvisco” designa uma chuva pequena, miúda, passageira, de pouca abundância.

Segundo a credence popular, os chuviscos são responsáveis pela recidiva das bronquites, asma ou mesmo de simples resfriados.

Em *Menino de Engenho* esse processo revela a falta de termos apropriados para designar coisas ou objetos diferentes. Revela também a influência do nível social interferindo na língua culta. Nota-se que esses termos acham-se mais próximos da língua falada que da língua escrita padrão.

Ocorre, freqüentemente, o emprego de termos populares de forte expressividade, o que torna a linguagem mais descontraída, com um vocabulário e uma construção de frases bem menos cuidados. Para realçar a influência da fala, empregam-se locuções de linguagem corrente, com termos considerados baixos ou chulos.

**Bibliografia**

**Bibliografia sobre José Lins do Rego**

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro* (1857-1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

AZEVEDO, Neraaldo Pontes de. *José Lins do Rego: trajetória de uma obra*. João Pessoa: FECP, 1996.

- CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. In: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. 1959, p. 280-82.
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: EDART, 1961.
- . José Lins do Rego e a criação do ciclo da cana-de-açúcar. *Diários Associados*, Rio de Janeiro: 12 jan. 1956. Edição Especial dedicada ao Açúcar.
- . Memória e regionalismo. In: REGO, José Lins do. *Romances reunidos de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CAVALCANTI, Valdemar. "Menino de Engenho". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro: 19, jun. 1932, p. 19.
- COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar. José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.
- COUTINHO, Odilon Ribeiro. *José Lins do Rego, perda e reparação*. Natal: Ed. Part, 1961.
- COUTINHO, Afrânio. *José Lins do Rego*. Org. por Eduardo F. Coutinho & Ângela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FUNESC, 1991.
- GARBUGLIO, José Carlos. Fôlego de gato (O regionalismo e suas versões). In: *Acta Semiótica et Lingüística*. São Paulo: Global, 1979.
- INOJOSA, Joaquim. Esta carta ao Zé Lins. *Jornal do Commercio*, Recife, 4 jun. 1922.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 142.
- PONTES, Maria das Neves A. de. *A influência da língua falada em Menino de Engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.
- . Visitando José Lins do Rego e seu *Menino de Engenho*. In: *Revista da Academia Paraibana de Letras*. Nº 11, João Pessoa, 1994.
- . **Linguagem Regional/Popular em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma perspectiva etno-sociolingüística**. – Associação Portuguesa de Lingüística – Aveiro-Portugal – SETEMBRO/99.
- . **Do Conceito de Cultura a Cultura Popular** – Revista da Pós-Graduação em Letras – Graphos – 1999.
- . **Engenho Santa Rosa: perspectiva sociocultural I** – Jornal do Comércio – Rio de Janeiro/RJ – JULHO/1999.
- . **Engenho Santa Rosa: perspectiva sociocultural II** – Jornal do Comércio – Rio de Janeiro/RJ – JULHO/1999.
- . **Clima & Hidrografia em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma análise sócio-etnolingüística** – Fortaleza/CE – SETEMBRO/98
- . **Expressões de Língua Falada em Menino de Engenho, de José Lins do Rego** – UFAL – Maceió/AL – ABRIL/99.
- REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RONAI, Paulo. De *Menino de Engenho* a *Pedra bonita*, estatuto. In: REGO, José Lins do. *Pedra bonita*, 9. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 8-25 (Col. Sagarana, 53).
- SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Moraes. *Nordeste, açúcar e poder; um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba (1920-1962)*. João Pessoa: CNPq/UFPB, 1990.

- SOBREIRA, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego: ensaio*. 2. ed., João Pessoa: A União, 1979.
- VILANOVA, José Brasileiro Tenório. *Linguagem e estilo de um menino de engenho*. Recife: Imprensa Universitária, 1962.

### Bibliografia lingüística

- AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 418.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Lingüística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A União, 1983.
- BALDINGER, R. *Teoria semántica* – hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970, p. 278.
- BALLY, C. *El lenguaje y la vida*. 7. ed., Buenos Aires: Editorial Lozada, 1977.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BASÍLIO, Margarida. *Estrutura lexical do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral-I*. São Paulo: Nacional, 1976.
- BERNSTEIN, B. *Langages et classes sociales*. Paris: Ed. de Minuit, 1975.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.22., n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987.
- A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-145.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990, p.98.
- BORBA, F. da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: CEN, 1970.
- CASCUDO, L. da C. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1976, p. 345.
- *Sociologia do açúcar: pesquisa e dedução*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971. (Col. Canavieira, 5)
- *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, [s. d.], p. 167.
- GARMADI, J. *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: D. Quixote, 1983.
- GECKLER, H. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

### Dicionários e glossários

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva et al. *Glossário aumentado e comentado de A bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.
- *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

- BARBALHO, Nelson. *Dicionário do açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 1984.
- CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.
- CLEROT, L. F. *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*: estudo de glotologia e semântica paraibana. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1959.
- MOURA, F. Hugo. Alimentação e linguagem popular. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa: nº 17, 54-71, 1970.
- ODILON, Marcus (org.) *Camumbembe e seus parentes*. Belém: Falangola, 1997.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário folclórico da cachaça*. Recife: 1973.